

SOLILÓQUIO 02

Então eu vou parar tudo. Congelar. Meu braço sem querer vai esbarrar num copo e fazer ele se espatifar no chão.

Eu vou respirar bem fundo, como se quisesse criar coragem de olhar pra ele. Para os pedaços dele. Para o meu reflexo igual. Todo quebrado. Todo partido. Todo sem partes.

E eu vou olhar pra ele. Firme. Vou mostrar que não tenho medo. Nem de colocar minha mão naquilo. Nem do machucado que pode fazer. Eu vou apertar meu indicador no pedaço mais fino. Vou grudar um pedaço daquilo no meu indicador. Depois de três segundos eu vou abrir meus olhos e perceber que eu não morri. Eu. Não. Morri.

Aí eu vou mudar. Aí eu vou saber que a porra do caco de vidro não me matou. Nem vai. O meu sentimento será de raiva.

Vou olhar pra ele com muita raiva. Não só raiva. Vitória. Rancores. Vou colocar meu dedo com aquele caco de vidro grudado nele bem na altura da minha cintura. Então vou olhar de cima.

Olho pro meu dedo. Olho pra quem quer que esteja na minha frente. E vou dizer que gostaria de matar o meu pai. Gostaria muito. Eu vou arrepiar de ódio, e alguém vai dizer. Credo.

E vou imaginar ele morto. Alguém dança em cima do caixão dele. E ri. Ri descontroladamente. E eu vou lembrar que ele tá enterrado no meu quintal. E eu vou sentir pena do cachorro e começar a chorar por que isso é tudo que eu sei fazer.

E quando eu perceber o caco de vidro, ele estará cortando meu dedo, e a ponta dele estará toda vermelha. Por que eu consigo me livrar do caco, mas eu nunca consigo não deixar sangrar. Nunca dói. Mas escorre no meu corpo.

Então. Então eu vou sorrir triste. Eu vou lembrar do cachorro enterrado no meu quintal num dia de chuva. E eu vou pensar que Deus é egoísta demais. E vou gritar bem alto para quem quer que seja: por que Deus nunca leva as coisas certas?

E alguém vai dizer: não importa. Não há nada que possa ser feito agora.

O VELHO

Juliana Partyka